

Um drama rustico

Conto para crianças

É muito simples a historia que vou contar-vos e cuja protagonista é uma vaquinha charrada Tetêa.

Pois, meus meninos, a Tetêa foi condemnada a repartir o leite destinado a alimentar o seu berrinho com a familia do Dr. Nogueira, que viera veranear em logarço proximo a uma das estações da estrada de ferro Central, na linha de Moinar.

Esse tributo pago á voracidade humana não fazia, aliás, grande falta ao berrinho, porque a Tetêa tinha um ubre por acold e fazia o tirador ficar com as manhecas fatigadas e com os joelhos dormentes do peso da cacamba.

Na casa do Dr. Nogueira tomava-se leite pela manhã, ao almoço, á merenda e ainda na ceia os meninos, que eram tres, e mais os donos da casa, chupava cada qual o seu copasio.

Imaginem por isto quanto leite dava a Tetêa! — coisa de

uns seis litros, afóra o que ficava para o berruinho.

Elinda que era - pretinha com duas manchas tão eguaes de cada lado que pareciam feitas a pincel; tinha tam-
bem brancos os pés e as mãos,
o grande frisco da cauda e
um coração que lhe enfeitava a testa.

Orá, uma manhã a Tetéa
sahiu a pastar, e, não sei
porque tentação do inferno, em
vez de seguir o caminho cos-
tumeado, metteu-se a andar
ao longo da linha ferrea,
que corria, numa grande
extensão, entre duas altas e
apertadas ribanceiras: só ha-
via o espaço bastante para
os trilhos.

Nisto vinha de baixo o trem
expresso numa disparada ver-
tiginosa...

Ao chegarem a estação, os em-
pregados do trem declararam
que uma vez fôra apantada
pela locomotiva e as pessoas
que ali se achavam puderam
ver as rodas arrastadas to-
das manchadas de sangue.

O Dr. Nogueira teve logo
um ruim presentimento, e di-

rigiu-se ao lugar do desastre, o qual não era longe da estação.

Ahi chegando, verificou que fora a pobre « Tetea » a victima do desgraçado accidente.

Só pôde reconhecê-la pela cabeça e por alguns fragmentos de couro pois aquillo era apenas um montão de couros informes e ranguentas, sobre o qual evocavam as moscas num humbrir impertinente e lugubre.

Logo, uma legião de negros e repellentes arubús espreitavam os despoços, esperando o momento opportuno para começar o seu funebre banquete.

Voltou o Dr. Noqueira a contar o horrivel caso á familia, e foi uma desolação para a mulher e a criada.

— Coitadinha! Pobresinha da Tetea! — foi o que se ouviu a cada instante em todo o resto da tarde.

A noite, á hora da ceia, a mãe começou a servir aos pequenos o leite que a criada trouxera numa terrina.

Mas a Mathildesinha re-

pelliu o seu copio, e, com a voz engarçada por um soluço e com os olhos desfraldados de lagrimas, exclamou:

— Ah! não, mãe, não quero! É leite da Betêa!

A mãe quedou-se interdita, empallideceu muito, enquanto duas grossas lagrimas lhe caíam pelas faces abaisco.

Já o choro contagiara as outras crianças; o proprio Dr. Nogueira estava de olhos humidos, e, querendo pôr um termo áquella scena, apenas conseguia balbuciar desconcer-tado:

— Mas vocês... que tolice... que coisa... deixem disto!...

Parecia que naquella cara se chorava a perda de uma pessoa muito querida, tamanha era a violencia da dor que pungia a todos!

Não houve mais coisa possível: a dona da casa mandou retirar a terrina de leite: e a familia abandonou-a me-ra e recolheu-se soluçando aos dormitorios.

Tal é, meus meninos, a historia lamentavel de uma infeliz vaquinha que se chamou Betêa.